

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

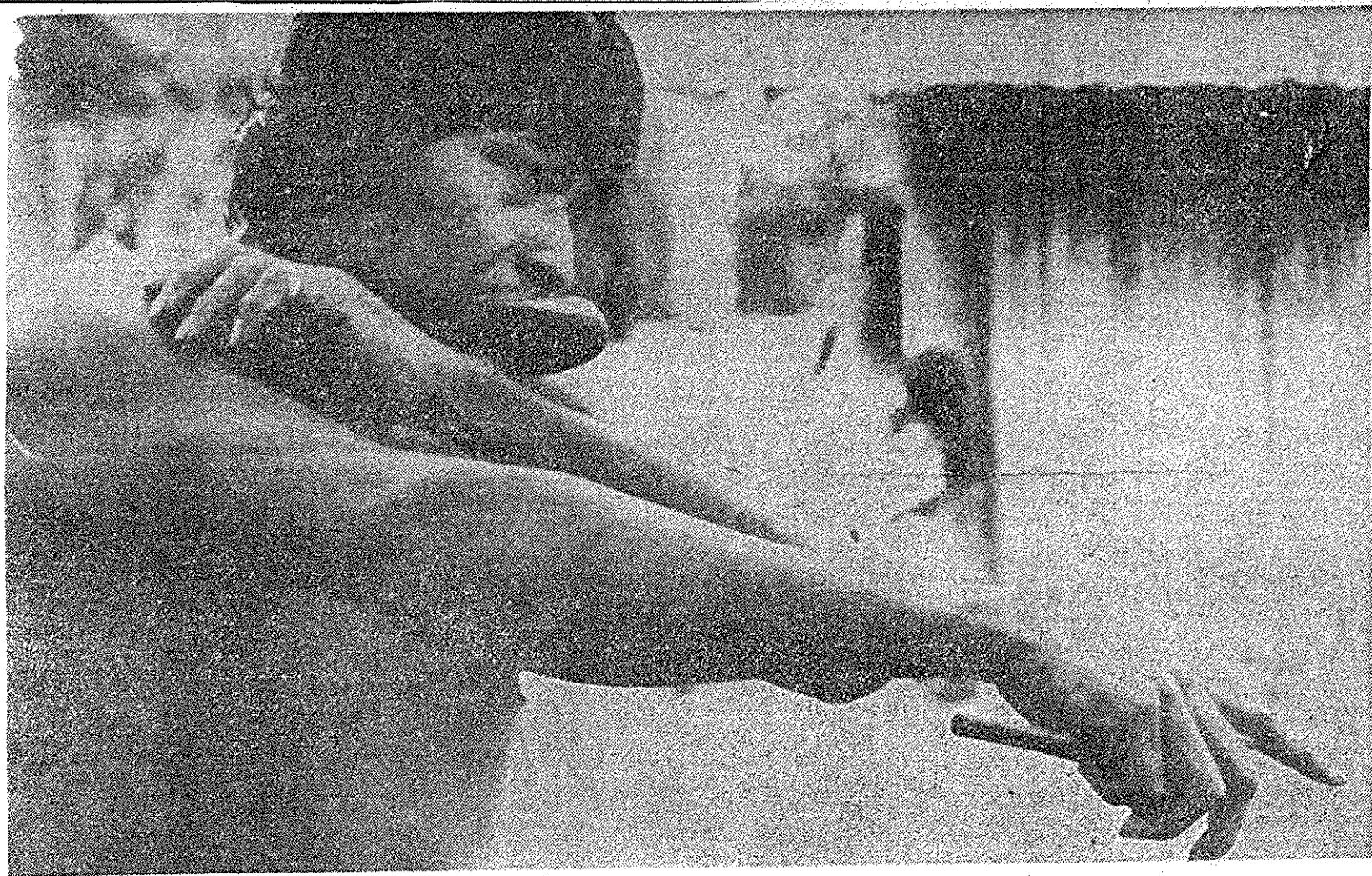
Fonte: *O Estado de S. Paulo*

Class.: *Kaiapó Meluktrae*

Data: *05/12/73*

Pg.: *18*

13



Telefoto Adão Nascimento — enviado especial

Rauni, chefe e líder dos txucarramãe: todas as tardes reúne a tribo para analisar o futuro do índio na Amazônia

Índio não invade, mas quer terra

ELIANA LUCENA
Enviada especial

Os índios txucarramãe não pretendem atacar os posseiros instalados às margens da rodovia BR-080, que corta o Parque Nacional do Xingu ao Norte, mas exigem que o povoado, que está se expandindo, seja transferido para outro local. Os próprios índios contaram que a ida de uma delegação a Piará-Açu, recebida a tiros pelos posseiros, não tinha nenhum caráter hostil. "Só queríamos — afirma o chefe dos txucarramãe, Rauni — mostrar a nossa preocupação com a presença de "caraibas" tão próxima de nossa aldeia, onde, até, agora vivíamos em paz, sem doen-

ças e sem preocupações".

Ao contrário de Piará-Açu, onde, até ontem, os posseiros armados continuavam com receio de retornar ao trabalho e com medo de uma nova investida dos índios, na aldeia dos txucarramãe o ambiente é descontraído. Os índios estão recebendo seus parentes que viviam no rio Jarina, e que, agora, depois de uma infeliz experiência fora do parque, onde contraíram sarampo e gripe, estão retornando ao Xingu. Para Cláudio Villas Boas e o sertanista Sidney Possuelo, o problema posseiros e índios está contornado apenas "até segunda ordem", pois a solução para o impasse está em impedir o crescimento do povoado de Piará-Açu.

Rauni, o líder

Rauni, chefe dos txucarramãe, alto, forte, pai de cinco filhos, é hoje, no Parque Nacional do Xingu, um dos índios mais respeitados. Liderando mais de 150 índios, número que será dobrado com a transferência de outros txucarramãe para dentro dos limites da reserva. Reune-se todas as tardes com sua tribo no centro da aldeia e faz longos discursos, contando lendas que aprendeu dos antepassados e "abrindo a cabeça dos mais novos" para a ameaça da civilização que está invadindo Amazônia.

A pessoa que chegar até o temido grupo txucarramãe, às margens do Xingu, por certo se surpreenderá ao sentir a grande consciência que esses índios, pacificados em 1953 por Cláudio e Orlando Villas Boas, têm sobre a problemática indígena. Depois de ouvir Rauni, que fala um português fluente e conhece o Rio, São Paulo e Belo Horizonte, será bem mais fácil sentir as causas das preocupações dos índios com a abertura da BR-080, que passa a apenas 20 quilômetros da aldeia.

"A estrada traz muitos perigos para o índio — afirma, mais ou menos com essas palavras — principalmente doenças que matam a nossa gente, bebidas e "caraibas maus", que querem tomar as nossas terras. Não é verdade que tenhamos atacado o povoado de Piará-Açu para acabar com os posseiros. Se quiséssemos matá-los, não teríamos retornado à aldeia quando eles começaram a atirar, gritando que índio era bicho e não gostava de trabalhar. Meus homens foram ao povoado para pedir aos brancos que saíssem dali, pois a presença de-

les estava trazendo muitos problemas para os txucarramãe. Cento e quarenta dos nossos que viviam fora dos limites do parque ficaram doentes de sarampo e gripe e quatro morreram, pois o índio não tem resistência as doenças comuns ao caraíba".

Continua Rauni: "Todo índio que deixou o branco entrar no seu território acabou perdendo quase toda sua terra, como aconteceu com os tapirapé e os carajás. As terras do Xingu pertencem a nós, índios, txucarramãe, suiá, juruna, kamaiura, trumai e outros que vivem por aqui. Nossos pais e nossos avós já moravam nessa região, nós pretendemos continuar no parque. Conheço as grandes cidades, mas elas têm muito ruído e muitos cheiros ruins, acho importante que elas existam, pois é lá que são feitos os machados, as enxadas que facilitam nosso trabalho. Mas eu quero que o branco fique longe do índio, a não ser que nos ajudem diretamente, porque o índio teme, não as armas que eles usam nem a sua força, mas as doenças e os males que trazem para a gente".

"Txucarramãe não quer matar ninguém — diz Rauni — Nós queremos é viver em paz para cuidar de nossas famílias e das nossas roças. Mas se caraíba invadir a nossa terra, a gente mata mesmo, por que ela sempre foi nossa e nunca precisamos pedi-la para ninguém nas grandes cidades. Os verdadeiros donos desse parque não são Orlando e Cláudio Villas Boas ou a Funai. Mas sim os índios. Orlando e Cláudio são meus pais, cuidam de mim e do meu povo, mas quem decide o que minha tribo deve fazer sou eu".

O sonho da união tribal

O grande sonho, não só de Rauni, mas também de Cláudio Villas Boas, é reunir dentro do parque os cinco grupos txucarramãe que estão espalhados pelo Norte de Mato Grosso e Sul do Pará. "No passado nosso grupo calapó, era muito grande, mas brigava muito entre si. Com a presença do branco, o índio foi adoecendo e hoje somos muito poucos. Acho importante que índio nenhum brigue mais com outro índio e sempre aconselho ao meu grupo nesse sentido".

Segundo Cláudio, existem atualmente cinco aldeias txucarramãe. O grupo de Rauni vive às margens do Xingu, relativamente perto do Posto Indígena do Diauarum. O grupo sob a liderança dos chefes Krumuro e Krumari estava localizado, anteriormente, às margens do rio Jarina. Mas após o surto de sarampo e gripe que os vitimou, há menos de um mês, decidiram se unir à aldeia do Xingu e agora estão sendo transportados da Ilha do Bananal, onde foram se tratar, para Diauarum. Outra tribo numerosa de Txucarramãe está no Alto Iriri, reunindo mais de 150 índios chefiados por Begogoti e Kubenkoere. Dois outros pequenos grupos estão fixados no rio Fresco e no Sul do Pará, no Posto do Bau.

"Não tem sentido deixar esses grupos separados — afirma Cláudio —, pois, reunindo-os será mais fácil assisti-los. Eles mesmos sentem a importância disso".

A TRANSFERENCIA

O primeiro grupo que está fora dos limites do parque é o do Jarina. Antes eles viviam com os que estão no Xingu, sob a liderança de Rauni. "Mas foram sendo atraídos para a estrada — conta Rauni — e apesar dos meus conselhos e os de Cláudio, começaram a conviver com colonos da agropecuária Peixinho, até que ficaram doentes. Acredito que agora tenham aprendido a dura lição. Estão retornando ao Xingu".

Na segunda-feira, os primeiros 30 índios convalescentes, acompanhados por uma equipe médica da Funai, saíram de Diauarum para o posto de Piará-Açu, no Xingu. O encontro dos parentes foi marcado por lágrimas de guerreiros, mulheres e crianças. Proviso-

riamente, eles viverão distribuídos nas malocas de seus parentes, mas é pensamento do sertanista Sidney Possuelo construir novas moradias para as 140 pessoas que estão sendo transportadas. Rauni era o mais entusiasmado com a chegada da tribo txucarramãe. "Enquanto as roças deles não estiverem produzindo, eles comerão da nossa comida, pois aqui temos mantimentos para todo o mundo".

SITUAÇÃO ESTÁ CONTROLADA

Depois de manter dois contatos com os posseiros do povoado do Piará-Açu, que temem um ataque violento dos txucarramãe, e conversar longamente com a liderança indígena, Cláudio Villas-Boas afirma que o problema, em princípio, foi contornado.

"Realmente — afirma — a expansão de um povoado nos limites do Parque do Xingu é inviável. Apesar de ter sido desmembrada do parque, o próprio decreto presidencial estabeleceu que essa área continuaria sob a responsabilidade da Funai enquanto fosse habitada por grupos indígenas. Sabemos que ali existe um sexto grupo txucarramãe ainda arredo, que pretendemos, inclusive, contactar nos próximos meses. No futuro, quando não existirem mais índios na área, o ideal seria que essa região fosse transformada numa reserva florestal, medida que garantiria a proteção dos índios do parque".

Assegura Cláudio que os índios não pretendem atacar a ninguém, desde que a situação em Piará-Açu seja resolvida. "Acredito que os txucarramãe foram até o povoado porque se preocuparam com o surto de sarampo e gripe que vitimou 140 índios que frequentavam a estrada e algumas fazendas vizinhas, especialmente a Agro-Peixinho. Os posseiros não compreenderam suas intenções e atiraram contra eles. Se os índios fossem realmente atacar, chegariam de surpresa, e jamais acenando, querendo um diálogo.

"Os índios não querem Piará-Açu porque sabem que os posseiros, ali tão perto, ameaçam a sua vida. Primeiro são as doenças que dizimam grupos inteiros; depois começam as invasões indiscriminadas que ninguém mais consegue conter". Na opinião de Cláudio, a BR-080 deve ser fiscalizada no trecho que corta o Parque Nacional do Xingu e, futuramente, demarcada em sua margem esquerda, indicando os limites do parque indígena.